

Projecto "Resistência e Afirmação Cultural"

Relatório final de investigação- Moçambique

Por: Elisa Vanessa Massitela

Introdução

Com uma extensão territorial de aproximadamente 801 mil quilômetros quadrados, Moçambique está localizado na porção sudeste do continente africano. Seu território, banhado a leste e ao sul pelo Oceano Índico, limita-se ao norte com a Tanzânia, a noroeste com Malawi, a oeste com a Zâmbia e Zimbabwe e a sudoeste com a África do Sul e a Swazilândia. Moçambique é uma ex-colônia portuguesa, tem o português como idioma oficial, integrando deste modo a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Moçambique é um país de grande diversidade cultural no que diz respeito à língua, gastronomia, música, dança, entre outras manifestações artísticas e culturais.

Dos dados colectados na presente pesquisa, foram abordadas três dimensões de manifestações culturais ou práticas performativas ligadas à resistência e afirmação cultural, nomeadamente, a canção, maioritariamente religiosa, a música e a dança.

Ao longo da pesquisa foi feito um esforço para que as expressões e manifestações artísticas fossem feitas com respeito à alguma ligação ou referência específica regional, por exemplo, a busca de determinadas manifestações artísticas que pudessem ser específicas de uma determinada província. Entretanto, tal possibilidade nem sempre era possível, sendo que ocorre, tal como nota-se em Malauene (2021) uma mobilidade e transferência de ritmos entre províncias e, inclusive, entre Moçambique e África do Sul.

Várias danças praticadas na África do Sul foram, por exemplo, trazidas daquele país para Moçambique através de trabalhadores moçambicanos das minas da África do Sul. Algumas das manifestações artísticas da província de Inhambane, no Sul de Moçambique, e que passaram a integrar o repertório cultural comunitário, foram trazidas de outras províncias circunvizinhas, tal

é o caso de Gaza. Portanto, nem sempre se verifica uma especificidade de manifestações artísticas ligadas a uma determinada província.

A apresentação das manifestações artísticas que são a seguir descritas procurará obedecer à uma tentativa de produção de uma narrativa desconstrutivista e que procura recolocar, conceptualmente, a criação artística africana dentro do seu contexto, conforme explicado na introdução e separando cada disciplina artística. Por exemplo, o canto religioso é, *per si*, visto na sua unicidade de disciplina, embora ocorram em alguns momentos a sua mistura com a dança, criando-se manifestações artísticas mais performativas tal como sugerido por Lichuge nas páginas anteriores.

Contexto geral

As manifestações artísticas documentadas para os efeitos da presente pesquisa em Moçambique, ocorrem ao nível de três dimensões: canto, dança e música. Tal como referido anteriormente, as fronteiras entre estas disciplinas nem sempre são estanques. Na sua maioria surgem misturadas, constituindo práticas performativas ou performances artísticas com alguma complexidade.

O canto possui características que permitem ler três níveis: um canto que é religioso, um canto que é gospel, e outro canto que é de carácter trovador. Maioritariamente desenvolvidos no seio das comunidades rurais, caracterizam-se por ter alguma base religiosa e influência missionária em Moçambique. Segundo Arão Litsure, músico conceituado moçambicano entrevistado no âmbito da pesquisa, este tipo de expressão artística é na sua maioria de natureza curta e de cariz tradicional, sendo cantada predominantemente em línguas africanas. Embora reconheça não ter tido muito contacto com as expressões artísticas tradicionais, dada a sua inserção na adolescência e na juventude às canções do contexto religioso, Litsure lembra de ter visto no Chamanculo, Bairro onde viveu, o canto, porém, na sua maioria, misturado com a dança.

A canção religiosa, de acordo com Litsure, entra com a característica clássica da música ocidental. Porém, ressalva o nosso interlocutor, que as mesmas músicas trazidas por missionários provenientes do Ocidente, eram cantadas através das línguas africanas, e com nuances marcadamente características da cultura local Africana. Litsure, lembra ainda que o Papa João XXIII foi responsável pela aceitação, no seio dos católicos, de elementos da cultura local na expressão musical ecuménica, o que abre espaço para que durante o período da colonização se tenham introduzido nas igrejas canções que tivessem alguma ligação com a criação artística

endógena e pré presença colonial das comunidades. Uma outra característica do canto está relacionada com a sua ligação com o tempo que este se insere. Ou seja, o conteúdo das canções está relacionado com a vida social das pessoas que a cantam.

O uso do canto como veículo de resistência cultural à presença colonial-fascista portuguesa não é tão visível nas nossas pesquisas. Entretanto, Malauene (2021) em estudo da música da província de Inhambane, encontra no canto, em vários momentos acompanhado de dança, elementos de resistência ao colonial-fascismo. Nas canções com teor de resistência, os músicos mencionavam que haviam sido levados para o *Chibalo*, e para o trabalho forçado nas plantações açucareiras de Xinavane. Nas suas várias intervenções públicas, Samora Machel, tal como refere Malauene (2021) refere-se ao papel da cultura, das canções e particularmente dos instrumentos musicais tradicionais como parte dos esforços de resistência dos moradores das zonas rurais durante o período colonial. De acordo com os dados que esta investigadora apresenta, no período pós-colonial, uma parte deste espólio foi tornado público de forma mais aberta.

No que diz respeito à música de Moçambique importa referenciar que esta possui duas dimensões: uma tradicional e outra urbana. Arão Litsure vê na música tradicional de Moçambique características muito próprias. Esta música é, de acordo com o entrevistado, um cantar da realidade do dia a dia, letras maioritariamente curtas, repetitivas e de fácil memorização. Sente-se que a sua musicalidade está assente no traduzir das batucadas do tambor, possuindo uma melodia fácil. A sua flexão melódica é, a partir dos padrões europeus, difícil de escrever.

Por outro lado, há uma expressão da música urbana que, de certa forma, desenvolveu-se ao lado da agenda colonial. Malauene (2021) relativamente ao contexto da província de Inhambane, refere que ao nível da cidade de Inhambane foi criada, por volta do ano 1900, uma Banda Municipal, onde novos músicos eram integrados, na sua maioria trabalhadores municipais. O género praticado por estes músicos era na sua maioria constituído por composições portuguesas, francesas e inglesas, actuando com composições clássicas, tango e valsa. Muito certamente, o movimento musical desta banda municipal impulsionou o surgimento de artistas contemporâneos moçambicanos, tais são os casos de Alípio Cruz, Pedro Cruz, Adérito Arouca, Vicente Dias, Arsénio, Antoninho e José, todos eles referidos em Malauene (2021).

Denise Malauene (2021) vê três dimensões de desenvolvimento da música durante o período do colonial-fascismo. A primeira dimensão está relacionada a todo um conjunto de criação musical que foi impulsionada para a sua internacionalização e desenvolvimento. Esta ocorreu ao nível das migrações forçadas de populações trabalhadoras que, através do trabalho forçado, tiveram que ir para fora de Moçambique. A segunda dimensão ocorre a partir das criações artísticas das populações nativas, as quais se mantiveram pouco influenciadas pelo regime colonial-fascista, mas que incorporam formas da sua utilização como estratégias de resistência e de denúncia do colonialismo.

Relativamente à dança, tal como as outras expressões artísticas, possui um carácter bastante específico na sua presença ao longo do país e a prática de determinadas danças possui ligação com momentos específicos da vida e dos sentimentos das comunidades a que a expressão artística é praticada. Malauene (2021), na sua pesquisa sobre as danças da província de Inhambane, identifica as seguintes: Zorre, Massessa, Ngokiane ou Nguikhikhi, Chidzidzidzi, Chigubo, Semba, Xingomana, Muxuaia, Kuguia, Húzua, Nzumbu, Nguinha, Martetos, Timbila, Chopo, Tikhundzua, Macarita, Guigasi, Sindawana, Makwaia, Zumba, Chivenca, Vhigadigadi, Chizimba e Makwaela. Embora estejam apresentadas como partes das danças da província de Inhambane, estas mesmas danças ocorrem em outras províncias do país, e são apresentadas como tal.

Para Malauene (2021) as danças foram criadas e eram praticadas em diferentes ocasiões. Por exemplo, o Zorré era praticado durante a colheita, o Házua durante os ritos de iniciação, o Muxuaia durante as cerimónias fúnebres, Ngokiane ou Nukhikhi durante as cerimónias de possessão por entidades espirituais ancestrais, o Chingomana durante cerimónias tradicionais mais gerais, o Massessa durante as cerimónias de lobolo e de casamento, o Chivenca durante as cerimónias de nascimento, Nzumbu, durante as cerimónias sentimentais e outros eventos comemorativos, Ngalanga durante as representações de vitória na guerra.

A dança, tal como acima se havia referido em relação à música, possui uma construção bastante repetitiva, facto observado igualmente por David Abílio, primeiro Director da Companhia Nacional de Canto e Dança, quem foi responsável pelo resgate de importantíssimos ritmos tradicionais e pela sua exibição em grandes palcos. Para este, o carácter repetitivo da dança tradicional moçambicana, e quiçá africana, abriu espaço para que fossem introduzidas recriações para que se introduzisse mais dinamismo quando as expressões artísticas fossem construídas para

o grande palco. Outro factor divulgador da dança foram as próprias escolas que, com centros de formação do Homem Novo, passam a assumir os valores culturais das classes trabalhadoras moçambicanas.

Samora Machel interagiu, em Inhambane, com artistas que dançavam a dança Xingomana, cujas letras das canções eram constituídas por provérbios e testemunhos recordando as atrocidades do período colonial (Malauene 2021).

Durante a pesquisa foram igualmente seleccionadas manifestações artísticas de afirmação cultural, que não contêm conteúdo na sua génese uma origem de resistência cultural, foram usadas como elementos de celebração da cultura e da identidade. Da pesquisa efectuada foram documentadas cerca de 100 manifestações artísticas, entre danças e músicas.

Do mapeamento geral das manifestações artísticas de resistência em Moçambique destacamos cinco danças, nomeadamente, o Nondje (Cabo Delgado), o Xigubo (Gaza), a Makwayela (Maputo e Gaza), o M'ganda (Niassa) e o Niketche (Zambézia). Do estudo destas manifestações (com a descrição mais aprofundada contida no presente relatório), a investigação de Moçambique sugere como objecto específico de análise o Nondje, dança que teve a sua origem na Província de Cabo Delgado.

Breve descrição sobre a província de Cabo Delgado, zona de origem do Nondje

A Província de Cabo Delgado divide-se em dezassete distritos (17) – Ancuabe, Balama, Chiúre, Ibo, Macomia, Mecúfi, Meluco, Metuge, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda, Muidumbe, Namuno, Nangade, Palma, Pemba, Quissanga – 56 postos administrativos, 134 localidades, e 1.044 povoações, a capital provincial Pemba e cinco Municípios: Chiúre, Mocímboa da Praia, Montepuez, Mueda e Pemba.¹

A província de Cabo Delgado tem uma importância singular para a história de Moçambique no âmbito da libertação do País, por dois factores essenciais: por um lado, a existência de movimentos nacionalistas e de reivindicação da independência na Tanzânia, formados por pessoas procedentes de Cabo Delgado. Por outro, a Luta Armada de Libertação Nacional,

¹ <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Geografia>

iniciada pela FRELIMO (Frente Libertação de Moçambique) no dia 25 de Setembro 1964 em Chai, distrito de Macomia.²

Entre as décadas 70-90 houve um *boom* de danças tradicionais no país, sendo o Estado maior impulsionador de movimentos de afirmação cultural nacional através dos Festivais Nacionais de Dança e Música Populares, entre outros.³ Na província de Cabo Delgado, destaca-se o surgimento e maior execução de danças como Chindimba, Mualide⁴, Tahura⁵, Limbondó⁶, Lingote, Chinguengue, Natxaka, Nedjale e Tamadune,⁷ para além da dança Mapiko⁸ que é o

² <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Historia>

³ Numa imponente cerimônia, plena de movimento, ritmo, cor e alegria, o Presidente Samora Machel presidiu na tarde de ontem, em Maputo, à abertura da fase final do Primeiro Festival Nacional de Canção e Música Tradicional, acontecimento que reuniu milhares de pessoas. Na ocasião, o Marechal Samora Machel saudou as centenas de artistas representativos das 10 províncias do nosso País, sublinhando que através da dança e dos músicos eles mostram “o nosso passado, segredo da força que quebrou as algemas, o tribalismo, o regionalismo e o racismo” e mostram “o internacionalismo, a solidariedade e, sobretudo, a unidade do Povo moçambicano”. Trecho de reportagem do Jornal Notícias- 28 de dezembro de 1980

⁴ É uma demonstração da fé apresentada só por homens que dançam e cantam e com uma espécie de alfinete, navalhas, pregos grandes de aço ou ferro, espetos de ferro ou outros instrumentos afiados que se dá o nome de “tupachi”, que penetram no corpo, perfurando a carne e que tem como admiração do público esses dançarinos não sangram nem os corpos ficam com marcas das perfurações. Esta dança ainda pode ser encontrada na ilha de Moçambique, Angóche e Pemba. In: <https://www.mmo.co.mz/dancas-tradicionais-de-mocambique-dancas-mocambicanas/>

⁵ Considerada muito antiga pelos habitantes de Nanhupu, em Montepuez. Em língua makhuwa, tahura quer dizer “batuque grande”. Participam na dança homens e mulheres adultos, que usam um pano preto cingido em forma de saia, uma camiseta interior, um lenço branco e um cinto. Nas pernas, os dançarinos amarram chocalhos que, com o bater dos pés no chão, produzem um som. Dispõem-se em círculo, empunhando objectos como machadinhos, enxadas ou paus. Esta dança é praticada à noite, em cerimoniais fúnebres, ritos de iniciação e no período de colheitas. In: <https://www.mmo.co.mz/dancas-tradicionais-de-mocambique-dancas-mocambicanas/>

⁶ É uma dança praticada tipicamente por homens e ela é dançada com uma coreografia circular onde os tocadores estavam no meio e ao redor deles estão os dançarinos. É uma dança que na sua essência a indumentária é livre, podia-se usar uma saia de pano, aquela que é chamada Ncumbe ou alguém podia aparecer com calça ou calção, descamisado ou com uma camisa. Depois podia portar chocalhos nos pés e podia até amarrar uma fita na testa ou uma corda selvagem, daquelas cordas que a gente encontra no mato ou mesmo um pano para amarrar ou mesmo usar um pau só apenas para enriquecer mais a dança.

⁷ Esta dança Tamudune é uma dança feminina. Os homens apenas participam como instrumentistas. A esta dança foi atribuído o nome de tamadune em honra de uma mulher makhonde, co-fundadora do grupo cultural, que era assim chamada. É praticada por ocasião da recepção dos recém-iniciados, rapazes ou raparigas, e também em dias festivos. Não possui nenhum traje específico e, para a sua execução, as dançarinas formam um círculo, destacando-se duas a duas para o meio da roda.

⁸ É uma dança originária do norte de Moçambique, Província de Cabo Delgado. Na Sociedade tradicional, representava os «espíritos maus» ou «os mortos-vivos» da vida mágico-religiosa das populações. Dança secreta, o M APIK O era executado nos

cartaz ou prato forte da comunidade Makonde. Valério Muale argumenta que "naquele tempo nós tínhamos aquela vontade de sempre aprender e havia um intercâmbio natural entre os habitantes das aldeias do Planalto de Mueda. Aquando da volta de um intercâmbio com outras aldeias, para indicarmos ou darmos sinal que já voltamos, antes de chegarmos as nossas casas, primeiro tínhamos que chegar ao centro da aldeia para executarmos as danças e depois cada um ia para sua casa."⁹

Origem do Nondje

O Nondje surgiu durante o período da luta armada de libertação nacional como evolução da dança Limbondo¹⁰ de Cabo Delgado. Quando começaram a surgir as primeiras zonas libertadas na província de Cabo Delgado, no Planalto de Mueda, adaptou-se o Limbondo para que passasse a difundir mensagens de unidade nacional, de exaltação da coragem dos guerreiros durante a luta de libertação nacional.¹¹

A dança Nondje surgiu no contexto da luta de libertação nacional entre os 1967-1968 quando as primeiras zonas libertadas começaram a surgir. O Nondje foi criado por jovens que naquela altura viviam nos internatos das zonas libertadas, mas quando saíssem de férias para as suas povoações sentiam que tinham que se divertir, tinham que se abstrair, então foi nesse contexto que o Nondje surgiu como dança de resistência ao colonialismo em Moçambique.

limites da aldeia junto à floresta (de onde vinham os espíritos Njiaus), a uma distância que permitisse às mulheres, refugiadas nas suas casas, distinguir o seu aspecto assustador sem se aperceberem de que o dançarino era homem. Isto deve-se ao facto de o M APIKO ser uma forma de assegurar a predominância dos homens em relação às mulheres e aos não iniciados. Nesta dança que também se insere nas cerimónias de ritos de iniciação, os dançarinos vestiam-se em locais secretos, onde também eram fabricadas e guardadas as máscaras e o restante vestuário. Esses locais eram interditos às mulheres e aos não iniciados. Nesta dança, as transformações mais profundas, operaram-se durante a luta armada de libertação nacional, à medida que áreas do nosso País se libertavam do jugo colonial. Assim, o Mapiko passou a ser uma manifestação de alegria, e um instrumento de crítica social. Esta dança já se estendeu a todo o território e em muitos casos as próprias mulheres já participam na sua execução. São muitas notas e extensas para uma mesma página. Se é informação importante deve ser transformada em texto.

⁹ Entrevista com Valério Muale

¹⁰ O Limbondo surgiu após o início da luta armada de libertação nacional podendo ser dançada por mulheres, homens e crianças. Os dançarinos formam uma fila e depois uma roda executando, simultaneamente, os mesmos passos e movimentos que acompanham o bater dos tambores ao mesmo tempo em que entoam canções revolucionárias. Esta dança é maioritariamente praticada nos distritos de Mueda e Macomia.

¹¹ Entrevista com Valério Muale

Segundo Valério Muale¹², a palavra “Nondje”, traduzida do Makonde, significa imbondeiro. O imbondeiro é muito forte da mesma forma que se precisava mostrar que a unidade do povo moçambicano e o seu interesse pela libertação nacional também era forte. Por conta disso, na execução do Nondje transmitiam-se mensagens anti-coloniais, entraram as espingardas como parte dos artefactos da dança. Eram igualmente inclusas as canções revolucionárias para poder exaltar o povo a se unir cada vez mais para expulsar o colonialismo português. Onde as mulheres também foram se integrando numa forma subtil para a execução da mesma.¹³ Não era vedada a participação de mulheres nessa dança, mas por causa daquela força que a própria dança exige na sua execução muitas mulheres acabavam deixando a dança para os homens executarem.¹⁴

Segundo David Abílio¹⁵, a introdução de armas e de coreografias tinha como utilidade a representação da luta armada, do combate, da forma defensiva, das estratégias de combate do inimigo por todas as vias. Naturalmente, foram influenciando o desenvolvimento da dança, Limbondo até ganhar características específicas do que se conhece hoje como a dança Nondje.

Coreografia

A dança Nondje é caracterizada por interpretar passos que traduzem a luta de libertação nacional/movimentos guerreiros. Também há representação de como as populações desenvolviam a agricultura nas zonas libertadas com vista a alimentar os guerrilheiros e as populações, componente primordial da natureza da guerra travada pelos moçambicanos. Representam-se passos que interpretam, por exemplo, a caça, mas sobretudo eram movimentos guerreiros. Dalí o uso da espingarda durante a dança Nondje.

A sua manifestação coreográfica é efectivamente uma espécie de representação de combate, portanto, da luta, de preparação dos guerrilheiros diferente da preparação dos guerrilheiros com

¹² Bailarino e coreógrafo do Grupo Cultural Massacre de Mueda

¹³ Grupo de Canto e Dança Massacre de Mueda

¹⁴ Entrevista com Valério Muale

¹⁵ David Abílio é uma das maiores referências da cultura moçambicana. Nasceu em 1949, em Chibuto, província de Gaza. Foi Director da Companhia Nacional de Canto e Dança CNCD durante 30 anos. Foi também coreógrafo e encenador dramaturgo da CNCD por vários anos, responsável pela recriação de várias danças de resistência. Um dos seus espectáculos mais conhecidos é “Em Moçambique o Sol Nasceu”, tendo ganho, em 1985, um prémio do governo moçambicano. Foi assessor no Ministério da Cultura. Encenador dramaturgo e coreógrafo na mbira produções Coreógrafo. Produtor de eventos e faz parte do comité artístico internacional.

arma na mão. Ao mesmo tempo, os movimentos coreográficos exprimem essa convicção de que o inimigo pode ser vencido e simula-se mesmo contra a aviação o desejo de combate e vitória, quer dizer que atiram contra a aviação e simulam todos movimentos de rastejar para se escapar das balas.”¹⁶

No processo de execução da dança, o tamborista dá sinal aos dançarinos que começam a executar os passos. Foram criados mais passos e ainda continuam a ser criados, onde a criatividade é um elemento presente e constante. Ela é uma dança guerreira, mas não significa que todos passos que são executados na dança Nondje são de natureza guerreira. Para Valério Muale, "também há a ideia de mostrar a independência¹⁷, a Guerra dos dezesseis anos, depois tivemos os Acordos de paz. Nos Acordos de Paz nos abraçamos, então o Nondje tem partes que representam esse tipo de situações." Portanto, o Nondje, em função dos diferentes contextos sociais foi se adequando.

No período colonial o Nondje era executado geralmente por indivíduos do sexo masculino com um número que varia de oito (08) a vinte (20) pessoas, com uma coreografia de duas linhas, uma atrás da outra¹⁸. Com a independência nacional a participação de mulheres em agrupamentos do Nondje tornou-se mais aparente. A dança era geralmente praticada em momentos livres ou de lazer (descanso), em momentos de ritos de iniciação e depois das atividades diárias como forma de manifestar o sentimento de repúdio à opressão, exploração e a resistência a dominação colonial portuguesa.¹⁹

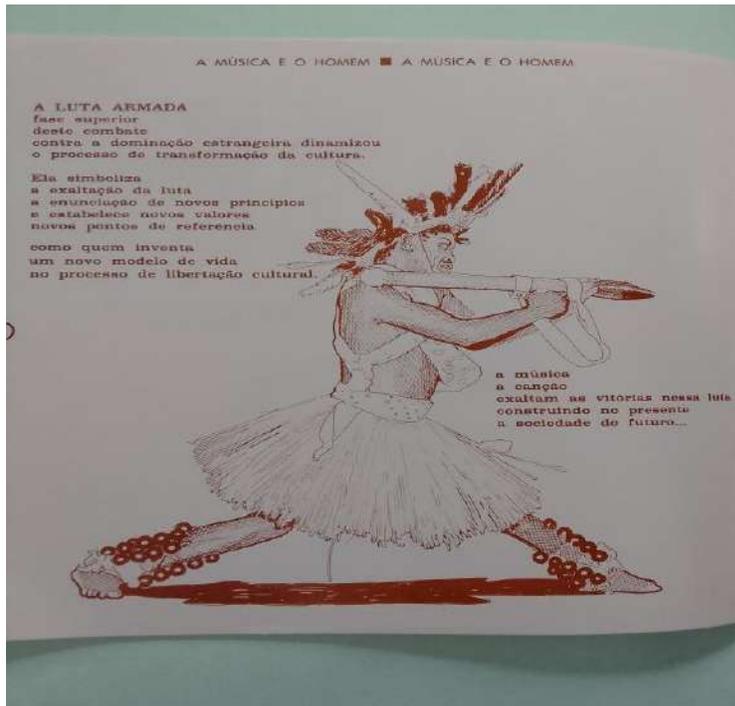
Dependendo dos passos que cada grupo executante do Nondje colocar, a coreografia pode variar de sete a dez ou até 15 minutos. A variação do tempo depende do contexto onde é apresentada. Valério Muale afirma que "aquando da realização do Segundo Festival da Cultura que se realizou em 2002 nas cidades de Maputo e Matola o nosso foi apresentar a dança Nondje e como existia um tempo padrão determinado para execução da dança tivemos que fazer o Nondje em cinco minutos, mas nós normalmente passamos dos cinco minutos. Podemos ir ao sete, oito, dez, porque queremos nos sentir livres em fazer as danças sem correrias."

¹⁶ Entrevista com David Abílio, Maputo, 2022

¹⁷ https://www.mozambiquehistory.net/arts/politica_cultural/19831100_semana_da_cultura.pdf

¹⁸ Entrevista com Valério Muale

¹⁹ Grupo de Canto e Dança Massacre de Mueda



Adereços

Durante a execução do Nondje é comum o uso de passos ou gestos de natureza militar, o que justifica o uso de espingardas de madeira por parte dos dançarinos, mas também podem ser usados outros instrumentos servindo como adereços catanas, enxadas e facas de madeira, o que é influenciado pelos passos ou gestos a serem interpretados. Os seus executantes usam saias de palha, chapéus ornamentados com penas de aves (denominados madjonas), duas capulanas envolvidas sobre a cintura e o tronco do bailarino e chocalhos amarrados a parte inferior dos pés.²⁰

A indumentária da dança Nondje foi basicamente a mesma tanto durante o período da luta de libertação nacional, assim como o período pós-independência. O que se pode realçar é que ela foi sendo diferente de região para região do planalto de Mueda mais por causa das condições que cada zona ou grupo tinha para poder adquirir a indumentária.

Contudo a composição de indumentária mais básica é composta por:

²⁰ Grupo de Canto e Dança Massacre de Mueda

- **Saia de palha**

Na língua local Maconde chama-se *Nkulumbi*, e é de presença obrigatória. É envolvida na cintura que é para poder trazer a diferença entre esta e as outras danças. O uso da saia de palha ou *Nkulumbi* como indumentária não é exclusiva ao Nondje, podendo ser encontrada em outras danças moçambicanas.



- **Capulana**

Por cima da saia de palha ou do *Nkulumbi*, amarra-se a capulana. capulana também pode ser amarrada cruzando o troco. Assim temos a saia de palha, depois uma capulana na cintura e duas capulanas que cruzam o tronco.



- **Chocalhos**

Estes devem ser amarrados nos pés. Há necessidade do chocalho ter dois fios para poder prender à volta do pé, um por baixo e outro por cima do pé do bailarino. Os chocalhos em Maconde chamam-se *Mheve*. Podem ser usados nos dois pés ou em um pé dependendo da disponibilidade do chocalho. Caso o grupo não tenha chocalhos suficientes, um grupo pode dividir-se e cada

integrante usar em um em cada pé para equilibrar no momento em que eles forem interpretar a dança.



- **Arma**

A arma é um dos elementos mais destacados e representativos da dança Nondje. É usada para representar os guerrilheiros durante o combate contra os agentes do colonialismo português nas diversas fases da luta pela independência nacional, ou ainda representar outros contextos de guerra. Esta é normalmente feita de madeira e com um formato de uma arma AKM... Durante a dança, os bailarinos desenvolvem movimentos que estão associados à utilização activa do instrumento para ataque e defesa.



Coroa de palha (chapéu) revestida com penas de aves

A moldura com penas de aves aparece como elemento que representa a camuflagem dos guerrilheiros durante o combate. As penas de aves, acompanhadas de outros elementos da flora e

fauna, permitiam com que os guerrilheiros passassem despercebidos aos olhos das tropas coloniais.



É possível, se quiser se abdicar dessa indumentária natural ou básica e portar-se uniforme militar que é para mostrarmos que se está a executar a dança Nondje que é uma dança tipicamente guerreira.²¹

Canções que acompanham o Nondje

As canções que acompanham o Nondje são geralmente de carácter revolucionário, exprimem mensagens que exaltam a unidade popular, a vigilância, a entrega, a valentia e a coragem dos guerrilheiros durante os combates, demonstrando assim repúdio a dominação colonial portuguesa.²² As mensagens são de índole de exaltação aos guerreiros para enaltecer a coragem, a valentia desses guerreiros durante os combates falando, por exemplo, da unidade popular em relação a resistência colonial. São canções que, por exemplo, diziam o que é que o povo deve fazer com relação ao colonialismo. Então, essas todas expressões, esses todos sentimentos eram exprimidos durante a execução da dança Nondje.²³

Portanto, as canções giravam a volta disso tudo, mas também podiam fazer críticas a própria sociedade. "Naquela altura não só estávamos unidos a lutar contra o colonialismo, mas também

²¹ Entrevista com Valério Muale

²² Grupo de Canto e Dança Massacre de Mueda

²³ Entrevista com Valério Muale

existiam aqueles que faziam o contrário (reaccionários), sendo que as canções podiam estar em volta da crítica a essas pessoas.²⁴

A maior parte das canções da dança Nondje foi criada por populares durante a execução da dança, mas existem aquelas canções revolucionárias da FRELIMO, de carácter oficial, e criadas por oficiais ou militantes da FRELIMO durante os combates, ou ainda durante os treinos. Estas criações culminaram com o livro "Hinos da Revolução", mas a maior parte delas eram canções especificamente inventadas pelos próprios dançarinos da dança Nondje.

1. VASHITENDA ING'ONDO YA KULYAMBOLA

Vashitenda ing'ondo, ing'ondo, ing'ondo ya kulyambola (2x)

Yakala (2x) - coro

Vangunguhana, namuje malapende - coro

Vashitenda ing'ondo - coro

Ya kulyambola moçambique - coro

Tradução:

Os que faziam guerra, guerra, guerra de libertação

De antigamente são

Ngunguhana e seu compriota Malapende

Que faziam guerra

para libertar Moçambique

2. ING'ONDO YETU YA MOÇAMBIQUE

Ing'ondo yetu ya moçambique tundipata maimio (2x)

Ing'ondo yetu ya moçambique tundipata maimio (2x) - coro

Tundipata maimio tuvaimyanguidye vavele munda (2x)

²⁴ Entrevista com Valério Muale

Amu

Amu mwa tushipita tu tukuta - coro

Apa

Apa pa twimilengue tu pumula - coro

Ing'ondo yetu ya moçambique tundipata maimio

Ing'ondo yetu ya moçambique tundipata maimio – coro

Tradução:

A nossa luta de Moçambique tivemos recordação

Tivemos recordação para contarmos às gerações vindouras

Por aqui

Por aqui passávamos a correr

Aqui

Aqui paramos para descansar.

Miscigenação entre a dança, a música e o teatro no Nondje

Segundo Pérola Jaime²⁵, o Nondje é uma manifestação que engloba diferentes formas de representação artística como uma ofensiva cultural. “Nondje é uma dança que, segundo aquilo que nós fomos investigar e encontramos, surgiu na altura da luta armada onde os soldados praticavam a dança como treinamento dos seus corpos e tinham que estar preparados para possíveis ataques e tinham que saber executar as armas. Quando passasse o inimigo tinham que estar disfarçados como se eles tivessem colocado ramos nas árvores e tentasse disparar, quando passasse o avião tinham que saber colocar as armas exactamente em direcção ao avião para abate-

²⁵ Pérola Jaime é coreógrafa da Companhia Nacional de Canto e Dança, nascida na província de Gaza, na localidade de Chipadia. Foi bailarina da Companhia Nacional de Canto e Dança, tendo desempenhado os principais papéis dos bailados mais importantes da CNCD. Graduada como professora de dança pela Escola Nacional de Dança, em 1983, frequentou vários cursos de dança no país com professores da Europa, de Cuba e dos Estados Unidos da América, bem como no estrangeiro, em Zimbabwe e em Portugal. Criou várias obras, algumas premiadas pelo FUNDAC e orientou workshops de dança em países como Brasil, Maurícias, Ilha de Reunião e Noruega.

lo e tinham que estar preparados quando, por exemplo, encontrassem uma determinada armadilha, como é que saberiam se desfazer da armadilha.

"Os passos que fomos investigando tem tendência de mostrar exatamente a preparação para qualquer ataque que pudesse acontecer. Então nós trouxemos para o palco e demos atenção com relação a história e essa história é a tal que nos fez. Nós criamos mais a situação de no palco trazemos o som, que é o som do avião, porque eles nos falaram que no mato o avião de vez em quando passava na altura da guerra, então quando nos falaram do avião nós criamos o som do avião já no palco e nós criamos o tiroteio lá no palco porque eles falaram.

Então nós criamos tudo isto já em palco através através da própria música. Em algum momento usamos o próprio tambor porque bastava ouvir-se algum determinado toque as pessoas já sabiam que o inimigo estava próximo, então posicionavam-se e fugiam do local onde estavam e posicionavam-se para poderem se proteger do ataque."²⁶

Segundo Valério Muale²⁷ é possível haver uma miscigenação entre a dança Nondje e o teatro ao afirmar que "o nosso grupo fez isso há alguns anos atrás. Nós pegamos algumas práticas que o colonialismo português fazia e depois pegamos em algumas cenas da história recente de Moçambique, por exemplo o Acordo Geral de Paz, e casamos com a própria dança. Antes da própria dança começar mostramos algumas encenações em que o sipaio está com o chamboco na mão a obrigar a população a ir fazer o trabalho forçado na machamba ao mesmo tempo que batia nas pessoas. Depois disso inicia a dança, e de seguida podem correr outras cenas de teatro. E não é só esse grupo, mas muitos outros grupos fazem isso."

²⁶ Entrevista com Pérola Jaime

²⁷ Entrevista com Valério Muale



Instrumentos musicais usados

Os instrumentos musicais usados durante a execução do Nondje são: Ntodji (bataque principal), Likuli (bases de cadencia), ligoma (bataque complementar), e apito.

- **Ntodji**- bataque principal que acompanha os movimentos dos dançarinos durante a execução da dança. Em cada passo que é executado, o Ntodji dita durante toda dança aquilo que eles fazem. Quando eles batem os pés o bataque Ntodji também tem que acompanhar, ou ainda quando bate-se as mãos o bataque tem que acompanhar.
- **Likuki (Makuki-plural)**- são as bases da cadência durante a dança. Normalmente tem tido dois ou três Likutis e cada Likuti executa diferentes compassos ou ritmos.

- **Ligoma:** Usado para enriquecer a orquestra e acrescentar beleza musical. Serve para complementar os batuques principais.
- **Apito-** pode ser usado pelo percussionista principal ou por um dos entoadores durante a dança. Durante o momento em que o tocador vai tocando o batuque vai tocando também o apito, o dançarino também pode fazer a mesma coisa.

Recriação do Nondje

O acto de recriar refere-se à produção de uma nova versão de alguma coisa ou ao acto de dar uma nova abordagem e aspecto a determinada coisa.²⁸ Para Valério Muale, na recriação do Nondje pode-se dispensar, por exemplo, o uso da capulana, pode-se dispensar, se calhar o chocalho, se este não existir. Mas a saia de palha (nkunumbe), acoroa e a própria arma tem que continuar. "Se nós não tivermos os chocalhos, se nós não tivermos essas capulanas a cruzarem o tronco, mas tivermos essa coroa m tivermos essa *nkunumbi* (saia de palha) e tivermos a espingarda já temos ali a base do Nondje."

Pérola sustenta ainda que “nós podemos até montar uma coreografia que tenha três situações, mas a primeira situação mostra a origem, a segunda situação a evolução, e, terceiro, a perspectiva daquilo que nós pensamos aquilo que pode vir a ser, então na minha opinião a dança é algo que está em andamento e pode ser recriada.” Quanto aos limites para a recriação a Bailarina e Coreógrafa sustenta que “não existe limites para a recriação pois quem faz arte deve ser ousada cada dia que passa, há sempre uma tendência de quer fazer mais, mais e mais.”

Outras manifestações culturais de resistência colonial

²⁸ <https://www.dicio.com.br/recriacao/>

M'Ganda



Origem da dança M'ganda

A dança *M'ganda* é uma manifestação originária do povo Tsonga que vive na região nordeste da Niassalândia (Malawi), mais concretamente, no distrito de Nkhata Bay e que, por ~~aculturação~~ devido aos vários anos de convivência, os Nyanja adaptaram-na e tornaram-na parte integrante do seu actual acervo cultural.²⁹

Descrição

M'ganda é uma dança tradicional essencialmente masculina praticada pelo povo Nyanja que habita a orla oriental do Lago Niassa e no passado era praticada após as colheitas. A dança permite o fortalecimento de vínculos de solidariedade, de familiaridade, amizade, hospitalidade e unidade étnica. Na língua nyanja, o termo *M'ganda* tem dois significados: a designação da dança em si e o rufar do tambor de *M'ganda*. Outra denominação de *M'ganda* é “Gule wa malipenga” que significa dança das cabaças.

A organização da dança *M'ganda*, composição, estrutura orgânica dos seus órgãos executivos, a sua indumentária, bem como o aprumo e a disciplina mostram terem sofrido influência da participação dos moçambicanos nas duas Guerras Mundiais.³⁰ Durante a guerra foram recrutados

²⁹ CAPAINA, Tubias. A dança M'ganda, uma questão de identidades ou profissionalismo em Niassa?. Maputo, 2022. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-danca-mganda-uma-questao-de-identidades-ou-profissionalismo-em-niassa/169194>

³⁰ CAPAINA, Tubias. A dança M'ganda, uma questão de identidades ou profissionalismo em Niassa?. Maputo, 2022. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-danca-mganda-uma-questao-de-identidades-ou-profissionalismo-em-niassa/169194>

os nativos para trabalharem nos quartéis do exército sobretudo britânico. Então, no final da guerra as populações regressaram para as suas comunidades e elas pretendiam contar a experiência que viveram durante o período em que estiveram ausentes a trabalhar para as forças da marinha real da Grã-bretanha.³¹ Então como eles não tinham, por exemplo, aqueles instrumentos de sopro inventaram cabaças para substituir os instrumentos de sopro e o traje continuava um pouco naquele rigor, ainda hoje podemos ver como é que eles trajam.³²

A dança M'ganda foi redimensionada, ou seja, os homens que tinham lutado no batalhão da Niassalândia designado por “King’s African Rifles”, depois de terem passado à disponibilidade, decidiram reproduzir as paradas militares, música e aprumo que viveram durante a guerra.³³

Durante o período da luta armada de libertação nacional esta dança foi particularmente desenvolvida nas zonas libertadas tendo constituído instrumento de mobilização política e de esclarecimento político pelo conteúdo revolucionário das suas canções.³⁴

A dança *M'ganda* para além de ser praticada nas zonas libertadas durante a Luta de Libertação Nacional, foi praticada, como símbolo de resistência, em festivais internacionais, como foi o caso do festival Pan-africano na Argélia e na Tunísia, em 1968 e 1969, e o Festival Mundial da Juventude e Estudantes na ex- República Democrática da Alemanha (R.D.A). Os dançarinos usam uma roupa completamente branca, formam filas em movendo-se em passos sincronizados para vários lados ao mesmo tempo que tocam os Lipenga e o Xigubo.³⁵

Actualmente, a sua prática estendeu-se a várias províncias do país, constituindo um elemento cultural da unidade nacional, e da luta anti-imperialista e internacionalista da população que a adoptou em cerimônias civis.³⁶

³¹ SILIYA, C.J., Ensaio Sobre a Cultura em Moçambique, Maputo: CEGRAF, 1996. Op Cit

³² Entrevista com David Abílio, Maputo: 2022

³³ CAPAINA, Tubias. A dança M'ganda, uma questão de identidades ou profissionalismo em Niassa. Maputo, 2022. Disponível em:<https://www.webartigos.com/artigos/a-danca-mganda-uma-questao-de-identidades-ou-profissionalismo-em-niassa/169194>

³⁴ Grupo Nacional de Canto e Dança da República Popular de Moçambique. Maputo, 1983:6

³⁵ 1 Festival Nacional de Dança Popular. Maputo, Ministério da Educação e Cultura: 1978. P.36

³⁶ <https://docplayer.com.br/108417953-Grupo-nacional-de-canto-e-danca.html>

XIGUBO



Origem

O Xigubo tem a sua base na expressão corporal dos guerreiros que procuravam mostrar a sua força física e os valores da sociedade. A origem do nome da dança vem da imitação dos sons dos tambores do tom baixo: gu...bo...!gu... bo, mais o prefixo "xi" (Xi-gubo). O Xigubo é uma dança guerreira de origem sul-africana que chegou a Moçambique com os guerreiros Nguni fugindo do temido guerreiro Tchaka Zulu e fixaram-se no Sul de Moçambique, na região de Manjacaze, na província de Gaza em princípios do Séc. XIX.

Descrição

O Xigubo é uma dança tradicional moçambicana e que representa a resistência colonial do país, sobretudo na região sul. Maioritariamente praticada nas regiões interiores de Gaza e Maputo, a dança tem poucos praticantes ao nível das cidades³⁷, embora esteja a ganhar uma significativa presença na cidade de Maputo com uma expressão mais ligada aos movimentos da dança contemporânea. O Xigubo era dançado para festejar as vitórias militares e também como forma de preparar os guerreiros, física e militarmente. Os dançarinos vestiam o seu traje de guerra, no qual se salienta o cinto de pele de zebra atravessado no tronco, empunhavam as suas armas, traduzindo nos passos e movimentos de dança as várias fases da luta. O ritmo era marcado por

³⁷ <https://sopra-educacao.com/2021/02/20/dancas-tradicionais-de-mocambique/>

quatro tambores e um «gulula». Durante a dança eram entoadas canções que estimulavam os guerreiros para o combate.³⁸

A dança Xigubo consiste na dispersão ou no alinhamento de um determinado número de homens e mulheres em uma ou mais filas conforme a necessidade do ataque do inimigo. devidamente adornados com objectos de fibras e peles nos braços e nas pernas, colares de sementes, entre outros signos, vestindo saiotes confeccionados com peles de animais, as quais se fazem acompanhar de um instrumento de defesa denominada *Xitlhango* ou azagaia.³⁹

A maioria dos executantes desta dança se apresenta descalça. Geralmente essa dança era praticada por homens, mas actualmente tem-se incluído mulheres (mas com passos específicos para elas) pois é uma forma de demonstrar que a mulher também pode ir à guerra.

MAKWAYELA



Origem do nome

Sobre a origem do nome existem pelo menos duas versões: a primeira diz que a Makwayela resultou da corruptela da palavra inglesa choir (coro) cuja pronúncia é mais ou menos “Kway”. A outra diz que nasceu da “makwaya” quando se introduziu o coro e para distinguir as duas danças, optou-se por fazer um acréscimo, resultando daí a palavra Makwayela.

A Makwaela é uma performance artística que combina canto e dança. Vários estudos, sendo na sua maioria coincidentes, referem que a Makwayela nasceu na África do Sul e que os mineiros e

³⁸ <https://docplayer.com.br/108417953-Grupo-nacional-de-canto-e-danca.html>

³⁹ <https://sopra-educacao.com/2021/02/20/dancas-tradicionais-de-mocambique/>

a população junto à fronteira com a África do Sul, trouxeram para Moçambique.⁴⁰ Refere-se ainda que esta expressão teria sido criada por emigrantes nos finais de 1860 para “matarem” saudades das suas terras de origem, ou ainda para esquecerem o sofrimento causado pelas longas jornadas nas minas da terra do Rand.⁴¹ A Makwayela é uma dança tradicional profundamente enraizada na região sul do país, em consequência da aproximação com a vizinha África do Sul, país apontado como a “progenitora” daquela disciplina artística.⁴²

Descrição

A Makwayela é uma dança que rapidamente se tornou famosa e praticada em várias províncias de Moçambique após a libertação do jugo colonial. É, porém, uma dança antiga. Uma dança que nasceu da dominação imperialista na África Austral. A mesma traz consigo o sofrimento do camponês expulso da sua terra pelo ocupante estrangeiro, a obrigação de ir trabalhar longe, para pagar o imposto e fugir ao chicote do chibalo.

A Makwayela nasceu como elemento cultural de unidade na luta contra a exploração capitalista. Nas minas, procurava enquadrá-la em “festas de fim-de-semana” organizadas nos *compounds* que eram os dormitórios onde os racistas fechavam os mineiros quando não se encontravam a trabalhar.⁴³

No regresso à terra, onde iam procurar o descanso roubado durante tantos meses, os mineiros eram enquadrados pelas igrejas das missões. Assim se procurou desviar os princípios da luta que estavam na base do nascimento da dança. Ainda hoje, entre muitos trabalhadores se conserva a lembrança de dançar para esquecer. Esquecer o sofrimento passado no fundo das minas e maus tratos provocados pelos capatazes. Esquecer a mulher e filhos que ficam na terra constantemente assediados pelos régulos e pela administração colonial para pagarem o imposto com dinheiro que não tinham. Dançar para esquecer até a própria exploração a que eram submetidos. A Makwayela, fruto da luta dos trabalhadores-mineiros da África Austral contra o imperialismo, foi assim transformado em dança-alienatória e dança-resignação. Com o fim do colonialismo português e o início da tomada de poder pelo povo, o Makwayela assumiu a sua tradição de

⁴⁰ Entrevista com Luís Loforte, 15 de Setembro de 2022

⁴¹ <https://sopra-educacao.com/2020/12/25/makwayela-o-que-e-origem-em-mocambique-e-sua-importancia>,

⁴² <https://sopra-educacao.com/2020/12/25/makwayela-o-que-e-origem-em-mocambique-e-sua-importancia>,

⁴³ 1º Festival nacional de dança popular. Maputo, Ministério da Educação e Cultura: 1978, P.71

dança de luta das classes trabalhadoras, divulgando-se a sua prática em centenas de locais de produção.

Antigamente, a dança era só praticada por homens (só estes iam às minas), mas actualmente, passa a integrar também a mulher que, engajada na produção, luta diariamente ao lado do homem.

Conclusão

A resistência colonial em Moçambique, entre as décadas de 1960 e 1980, foi marcada por uma efervescência cultural que se manifestou de maneira notável através da dança, música e teatro. Essas expressões artísticas não apenas refletiram a rica diversidade cultural do país, mas desempenharam um papel crucial na luta contra a opressão colonial, tornando-se instrumentos poderosos de resistência e afirmação da identidade moçambicana.

A dança, como forma de expressão corporal, desempenhou um papel significativo ao transmitir narrativas históricas e culturais. Os movimentos coreografados muitas vezes retratavam histórias de resistência, resiliência e esperança, proporcionando um espaço para a preservação e celebração das tradições locais.

A música emergiu como uma força unificadora durante esse período tumultuado. Letras carregadas de significado político e social foram disseminadas através de canções que se tornaram hinos de resistência conectando pessoas de diferentes regiões e origens, consolidando assim a força da resistência cultural.

O teatro, por sua vez, proporcionou um espaço de reflexão crítica e contestação. As peças teatrais abordavam questões sociais e políticas, desafiando as narrativas coloniais e destacando as experiências e perspectivas dos moçambicanos. O palco tornou-se um fórum para a expressão artística e a construção de uma consciência coletiva que fortalecia a luta pela liberdade e independência.

Assim, as manifestações culturais de resistência colonial em Moçambique durante as décadas de 1960 a 1980 desempenharam um papel crucial na preservação da identidade cultural, na mobilização da comunidade e na desafiadora contestação ao domínio colonial. Dança, música e teatro não eram apenas formas de entretenimento, mas instrumentos poderosos que

impulsionavam a luta pela liberdade e contribuíam para a construção de uma nação independente, onde a rica diversidade cultural era não apenas celebrada, mas também reconhecida como uma força motriz na busca por justiça e autodeterminação. Essas expressões artísticas continuam a ecoar na história de Moçambique, lembrando-nos da importância vital da cultura na resistência e na construção de um futuro mais justo e inclusivo.

Bibliografia

- *1 FESTIVAL NACIONAL DE DANÇA POPULAR*. Maputo, Ministério da Educação e Cultura: 1978.
- *GRUPO NACIONAL DE CANTO E DANÇA DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE*. Maputo, 1983
- *GRUPO DE CANTO E DANÇA MASSACRE DE MUEDA*, Maputo, s/d.
- MALAUENE, Denise. *A history of music and politics in Mozambique from the 1890s to the present*. University of Minnesota, 2021
- SILIYA, C.J., *Ensaio Sobre a Cultura em Moçambique*, Maputo: CEGRAF, 1996

Entrevistas

- Entrevista com David Abílio. Maputo, Cine teatro Scala : 2022
- Entrevista com Luís Loforte. Maputo, Cine teatro Scala: 15 de Setembro de 2022
- Entrevista com Pérola Jaime. Maputo, Cine teatro Scala, 20 de Janeiro de 2023
- Entrevista com Valério Muale. Maputo, Cine teatro Scala 15 de Abril de 2023

Documentos online

- CAPAINA, Tubias. A dança M'ganda, uma questão de identidades ou profissionalismo em Niassa. Maputo, 2022. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-danca-mganda-uma-questao-de-identidades-ou-profissionalismo-em-niassa/169194>
- <https://docplayer.com.br/108417953-Grupo-nacional-de-canto-e-danca.html>
- <https://sopra-educacao.com/2021/02/20/dancas-tradicionais-de-mocambique/>

- <https://docplayer.com.br/108417953-Grupo-nacional-de-canto-e-danca.html>
 - <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Geografia>
 - <https://www.cabodelgado.gov.mz/por/A-Provincia/Historia>
 - <https://www.mmo.co.mz/dancas-tradicionais-de-mocambique-dancas-mocambicanas/>
- <https://www.dicio.com.br/recriacao/>